



Filosofia e Psicanálise: Baruch Espinoza

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

Baruch Espinoza (1632 - 1677) foi um dos maiores racionalistas e filósofos do século XVII, representante da Filosofia Moderna.

A sua obra “Ética”, de 1677, é a obra fundamental da sua filosofia; ela resume o trabalho de toda uma vida, e Espinoza insere neste livro uma exposição sistemática, com axiomas e postulados para chegar a demonstrações filosóficas.

Ele desenvolve um trabalho demonstrativo que parte do conhecimento de Deus, e constrói uma teoria geral do espírito e dos afetos, explicando a passagem da servidão à liberdade.

A noção de Deus, em Espinoza, é a que é causa imanente de tudo quanto existe, e sua perfeição reside no encadeamento entre causas e efeitos naturais. Portanto, para Espinoza, Deus não é uma pessoa, tampouco o ser humano se governa por meio de decretos, ou tem uma vontade livre de toda determinação; o ser humano é singular, finito e de algum modo determinado pelo que o cerca; uma clara recusa, portanto, à teoria do “pleno” livre arbítrio.

Já o conhecimento, para Espinoza, não é contemplação, mas afirmação da ideia de uma coisa em nós; portanto, libertar-se da opinião e da imaginação é tornar-se



causa dos próprios pensamentos e isso significa compreender. A ideia do que somos é diferente da ideia que temos.

Espinoza também defende que o desejo é considerado a essência do ser humano, ou seja, cada existência é assinalada por uma tendência a afirmar o seu ser. Mas há uma diferença entre desejo e paixão, vontade e apetite. O desejo, assim, nasceria de uma afirmação de nossa essência, como a dinâmica de uma potência que se orienta sempre para aquilo que lhe parece útil.

Neste ponto, é possível fazer uma aproximação de Espinoza com a Psicanálise, uma vez que a ideia de “páthos” (sofrimento) na Psicanálise é similar à da “ética” em Espinoza. Se, por um lado, a Psicanálise dignificou o sofrimento, como marca de nossa condição humana, Espinoza faz refletir que é inevitável que as paixões nos afetem, pois estamos vivos; mas podemos deslocar os destinos de nossas paixões (o que a Psicanálise refere como as pulsões e seus destinos) para converter a tristeza em alegria, uma vida medíocre, numa existência útil. A contribuição que a Psicanálise visa dar é justamente este despertar do sujeito do inconsciente, que passe de uma passividade a uma atividade, a fim de que palavra nos aproxime de uma melhor verdade sobre nós mesmos, à medida em que a fala irrompe e é endereçada ao outro.